

A FILOSOFIA DA IMAGEM DE SI, DO CORPO SOCIAL E POLÍTICO EM MONTAIGNE¹

Montaigne's philosophy of self-image, of the social and political body

Nelson Maria Brechó da Silva²

Resumo: Este artigo pretende analisar *De la phisionomie* a respeito da filosofia da subjetividade em Montaigne, especialmente a diversidade de fisionomias. O ensaísta utiliza o gênero literário *essais* na elaboração de seus escritos. O ensaio significa a tentativa de descrever na literatura a experiência vivida, de modo a exercitar a *epoché*. Com isso, a pessoa segue o ritmo de sua natureza caracterizada pela capacidade racional reflexiva sobre o próprio rosto na ótica da expressão do autorretrato. Nesse sentido, duas questões essenciais motivam o desenrolar desta discussão, a saber, primeira, como é a filosofia da imagem de si? Segunda, como se estrutura o corpo social e político na época montaigniana? A reflexão destas interpelações possibilitarão ver os desdobramentos acerca da tirania francesa no contexto montaigniano para iluminar o cenário sombrio hodierno marcado pelo negacionismo científico e pelo paradigma tecnocrático.

Palavras-chave: Imagem de si; Corpo social; Político.

Abstract: This article intends to analyze *De la phisionomie* about philosophy of subjectivity in Montaigne, especially the diversity of physiognomies. The essayist uses the literary genre essays in the elaboration of his writings. The essay means the attempt to describe in the literature the lived experience, in order to exercise the *epoché*. With this, the person follows the rhythm of his nature characterized by the rational reflexive capacity on his own face from the perspective of the expression of the self-portrait. In this sense, two essential questions motivate the development of the discussion, namely, first, what is the philosophy of the self-image like? Second, how is the social and political body structured in the Montaigne period? The reflection of these interpellations will make it possible to see the developments about the French tyranny in the Montaigne context to illuminate the gloomy contemporary scenario marked by scientific denial and the technocratic paradigm.

Keywords: Image of yourself; Social body; Political.

INTRODUÇÃO

¹ Artigo baseado na conferência proferida na mesa redonda 6 do terceiro dia (25/11/2020, das 14h30 às 14h50) do VII Colóquio do GT de Ética e Filosofia Política e VI Simpósio de Estética, cujo tema *Corpo social, corpo político e imagem*. Este evento ocorreu entre os dias 23 a 25/11/2020 pela plataforma *even 3* e com o apoio da DTI da PUC SP.

² Doutor em Filosofia (PUC-SP). Doutorando em Teologia (PUC-SP). Membro do Grupo de Pesquisa Ética e Filosofia Política da PUC-SP e Literatura Joanina também pela PUC-SP. Professor do Departamento de Teologia (Faculdade João Paulo II - Marília / SP). E-mail: nelsonbrecho@yahoo.com.br

Este artigo pretende analisar o texto *Da Fisionomia* (III, 12) situado nos *Ensaaios* de Montaigne (1962 [edição francesa] e 1984 [edição brasileira]) para interpretar sobre a filosofia da subjetividade, no qual se trabalha o autorretrato a partir do pressuposto da variedade de fisionomias. Este trabalho filosófico se assemelha com o pintor diante de sua obra. O filósofo atua como o pintor no desejo de expressar pela escrita os seus pensamentos e sentimentos.

O processo da escrita se dá por meio do gênero literário *essais* [ensaaios] que compreende a tentativa de trazer no universo literário a experiência vivida, a fim de refletir através da *epoché* [suspensão do juízo]. Nesse sentido, a reflexão acontece pela postura cética e que humaniza o filósofo a ver o encanto da vida e naquilo que cada pessoa pode contribuir mediante o seguimento de sua própria natureza. Esta, por sua vez, entendida como a capacidade racional de ler a literatura clássica com o enfoque de assimilar as virtudes presentes em cada obra; experimentar no cotidiano a sua prática por intermédio de atitudes simples e humanizantes; e refletir sobre a imagem de si mesmo, assim como da visão de mundo do corpo social e político como oportunidade de despertar o aprendizado do filosofar no rosto de outras pessoas, que, muitas vezes, encontram-se desfigurados pela falta da reflexão e de uma fisionomia encorajadora para aflorar o interesse filosófico.

Há fisionomia que revela um rosto acolhedor e há fisionomia que apresenta um rosto opressor. A formação filosófica procura o caminho da simplicidade natural como exercício para se aprofundar nas entrelinhas do corpo social e político vigente na época de Montaigne: o combate contra a tirania e, hoje, o negacionismo científico, a ausência da filosofia e a supervalorização na produção tecnológica em vista do progresso econômico.

Dado a breve exposição do filósofo, elencam-se algumas questões relevantes. Primeira, como é a filosofia da imagem de si? Segunda, como se estrutura o corpo social e político? Estas perguntas permitirão o diálogo entre a Ética e a Filosofia Política com pesquisadores (as) que procuram articular a ligação entre Filosofia e Ciências Sociais no que se refere à importância da formação filosófica no âmbito do discurso e da atuação política democrática com a razão crítica frente aos desafios pandêmicos.

O tema da tirania presente no século XV e XVI na França será objeto de reflexão por La Boétie e que Montaigne absorve em sua amizade com ele e, posteriormente em

seus pensamentos para evidenciar a arte de distinguir entre a fisionomia acolhedora e a repelente. Se a fisionomia do tirano causa medo e terror, atualmente, pode-se averiguar as consequências do negacionismo científico pautado pelo paradigma tecnocrático que desumaniza as pessoas e as tornam objetos de consumo a serem descartados de acordo com os interesses econômicos. Tal leitura é interessante para perceber como adotar princípios que possam colaborar na fisionomia acolhedora e humanizante em face do momento sombrio da pandemia.

A IMAGEM DE SI EM MONTAIGNE

Montaigne articula o trabalho do pintor com o seu processo de filosofar, de modo a destacar a pintura de si mesmo caracterizada pela experiência do autorretrato. O ato de ensaiar se assemelha com o pintar no sentido de refletir sobre as imagens vivenciadas no cotidiano. Assim, a escrita demanda a concentração e o silêncio para que ocorra a exposição das ideias. No entanto, o ensaísta procura registrar aquilo que vem em sua mente sem se preocupar numa sistematização das ideias e sim na capacidade de dar à luz de acordo com o movimento do “eu”. Starobinski comenta sobre a função da pintura que demonstra uma passagem do despojamento à originalidade, de forma que comenta a proeza do ensaísta com a do pintor:

Como contorno, o fundo vazio chama uma proliferação de formas livres, o despojamento faz surgir uma louca “originalidade”. Pode-se realmente falar de uma paradoxal fecundidade do vazio, pois a vegetação das figuras “fantasistas” brota para povoá-lo e animá-lo. Falta muito, no entanto, para que satisfaçam a necessidade de riqueza substancial: o primeiro “ponto” – o do quadro “polido e constituído segundo as regras da arte” – permanecerá irrealizado. Mas dessa não-realização resulta a expansão feliz do cenário marginal, a forma tão particular que consiste em tirar partido da ausência de forma (STAROBINSKI, 1992, p. 223).

Montaigne pinta a consciência de si mesmo e o faz com precisão, num trabalho cético e, acima de tudo, utiliza-se da formação humanista e, vai além dela, porque medita sobre o próprio julgamento. Ler, experimentar e refletir ajudam a entender os espelhos de Montaigne, porque a sua filosofia se une com a literatura e esta, por sua vez, traz diversos elementos para ajudá-lo na sua reflexão, tais como o uso da metáfora do “pintor”, da poesia e, até mesmo, do teatro, que será melhor desenvolvido a partir dos escritos de

Shakespeare, especialmente *A Tempestade*. Ele busca as suas inspirações no ensaio sobre os canibais de Montaigne para refletir sobre o conceito de natureza³.

A filosofia socrática caracterizada pela introspecção se faz presente no pensamento de Montaigne, especialmente do ponto de vista da interioridade. Quando a pessoa se volta ao interior, ela encontra argumentos naturais contra o temor da morte.

Não precisamos de muita ciência para vivermos satisfeitos, e Sócrates nos ensina que aquilo de que necessitamos trazemo-lo em nós mesmos; e oferece-nos o método de explorá-lo e aproveitá-lo [...] recolhamo-nos em nós mesmos e encontraremos argumentos naturais – os mais eficazes – contra o temor da morte⁴.

A leitura dos livros clássicos permite para Montaigne exercitar o seu espírito: “Os livros não me educaram; foram um exercício para meu espírito”⁵. Tal empreendimento vai contra a educação restringida na memorização dos livros. Ele faz uma releitura do humanismo, juntamente com o ceticismo para indicar a relevância da *epoché* [suspensão do juízo]. Com efeito, a educação se compreende a partir da dúvida caracterizada pela curiosidade em conhecer e de ser capaz de propor uma ideia nova em vista do aperfeiçoamento da dignidade humana.

A necessidade de conhecer a imagem de si mesmo é um caminho mais seguro, porque se torna possível ver os recursos do próprio interior. Eles transmitem a fortaleza

³ Para Montaigne, no texto *Da fisionomia* (III, 12) denota alguns pontos no que concerne ao conceito de natureza: “Parece-me que há fisionomias acolhedoras e outras repelentes, e há uma certa arte em distinguir os rostos bondosos dos tolos, e os severos dos grosseiros, os maliciosos dos ressentidos, os desdenhosos dos melancólicos, bem como todos os que são donos de qualidades que pouco diferem umas das outras”. “[B] Il semble qu’il y ait aucuns visages heureux, d’autres malencontreux. Et crois qu’il y a quelque art à distinguer les visages debonnaires des nyais, les severes melancholiques, et telles autres qualitez voisines” (MONTAIGNE; III, 12, 1962, p. 1036 [1984, p. 475]). “Eu, por mim, como já o disse alhures, adotei o preceito antigo de que sempre acertaremos seguindo a natureza, e entendo que submeter-se a ela é regra soberana. Não corriji minhas tendências naturais pela força da razão; sou como sou, e não combato coisa alguma”. “[B] J’ay pris, comme j’ay dict ailleurs, bien simplement et crument pour mon regard ce precept ancient: que nous ne sçaurions faillir à suivre nature, que le souverain precept c’est de se conformer à elle. Je n’ay pas corrige, comme Socrates, par force de la raison mes complexions naturelles, et n’ay aucunement troublé par art mon inclination”. (MONTAIGNE; III, 12, 1962, p. 1036-1037 [1984, p. 475]). O *suivre nature*, seguir a natureza, é marcante, porque ensaiar é apresentar, mostrar e experimentar a sua imagem no espelho. Este, por sua vez, sempre que o homem vai diante dele, pode perceber aquilo que ainda não foi deslumbrado e que lhe causa a surpresa, para dar continuidade no trabalho do autoconhecimento.

⁴ “[B] Il ne nous faut guiere de doctrine pour vivre à nostre aise. Et Socrates nous apprend qu’elle est en nous, et la manière de l’y trouver et de s’en ayder [...] Recueillez-vous; vous trouverez en vous les arguments de la nature contre la mort vrais, et les plus propres à vous servir à la necessite”. (MONTAIGNE; III, 12, 1962, p. 1016 [1984, p. 466]).

⁵ “[C] Les livres m’ont servi non tant d’instruction que d’exercitation”. (MONTAIGNE; III, 12, 1962, p. 1016 [1984, p. 466]).

e o ânimo para viver em conformidade com o momento presente ao invés de voltar o olhar simplesmente ao futuro.

Verifiquei afinal que o mais seguro era confiar-me a mim mesmo; e que, se me trásse a sorte, teria que restringir-se mais ainda à minha pessoa. Os homens em geral recorrem aos outros, evitando olhar para os próprios recursos que são os únicos certos e poderosos; todos correm alhures para assegurar o futuro, porque nunca ninguém se voltou para si próprio⁶.

A pessoa se comove com a dor, porque é um sentimento que chama a atenção da sociedade. Dessa forma, tanto o teatro quanto os historiadores trabalham em seus escritos a temática da dor para atrair a atenção de seus leitores (as) no decorrer de suas peças e de suas histórias.

Buscamos com avidez no teatro as trágicas peripécias do destino humano e embora nos cause piedade o que ouvimos, apraz-nos o espetáculo; assim, em razão de sua raridade e apesar da tristeza que sentimos, tiramos alguma satisfação em testemunhar os lamentáveis sucessos de uma época. Só nos comovemos com o que nos fere. Por isso os bons historiadores fogem, como das águas dormentes ou dos mares mortos, aos períodos calmos e se interessam especialmente pelas guerras e sedições, a fim de interessar-nos⁷.

A palavra transcender associada aos ensaios necessita ser compreendida no sentido da suspensão do juízo, a saber, *epoché*. Este suspender corresponde a olhar as coisas com maior amor e liberdade. Aquele que ama consegue exercitar a amizade, pois ela abarca mudança de atitude, no desejo de se doar ao outro em razão de seu crescimento. Assim, ocorre a *transfiguratio*, transfiguração. Nessa visão, o outro não é um mero objeto a se tomar posse, tampouco para simplesmente agradá-lo e sim é aquele que interpela o

⁶ “[B] En fin, je cogneuz que le plus seur estoit de me fier à moy-mesme de moy et de ma necessite, et s’il m’advenoit d’estre froidement en la grace de la fortune, que je me recommandasse de plus fort à la mienne, m’atachasse, regardasse de plus près à moy. [C] Em toutes choses les hommes se jettent aux appuis estrangers pour espargner les propres, seuls certains et seuls puissants, qui sçait s’en armer. Chacun court ailleurs et à l’advenir, d’autant que nul n’est arrivé à soy”. (MONTAIGNE; III, 12, 1962, p. 1022 [1984, p. 469]).

⁷ “[C] Si cherchons nous avidement de recognoistre en ombre mesme et en la fable des Theatres la montre des jeux tragiques de l’humaine fortune. Ce n’est pas sans compassion de ce que nous oyons, mais nous nous plaisons d’esveiller nostre desplaisir par la rareté de ces pitoyables evenements. Rien ne chatouille qui ne pince. Et les bons historiens fuyent, comme une eaue dormante et mer morte, des narrations calmes, pour regagner les seditions, les guerres, où ils sçavent que nous les appellons”. (MONTAIGNE; III, 12, 1962, p. 1023 [1984, p. 469]).

“eu”, sem dar uma solução mágica e sim instigá-lo ao relacionamento mútuo, tão importante para que a amizade seja sincera.

A natureza humana é precária e ao torná-la como objeto de reflexão, é possível ver aspectos que ainda não foram vistos. Ensaíar significa, assim, analisar a própria natureza e encantar-se com aquilo que é desvendado. Ademais, não pode ser compreendido como tratado e tampouco como uma biografia e sim como uma experiência árdua de descrever as principais experiências marcantes da vida para ampliá-las na escrita delas, de maneira que ocorre uma ligação entre o vivido e o escrito marcado pelo tempo e pela memória.

A relação entre a filosofia e a arte. Montaigne é um filósofo artista, porque busca diversos elementos da pintura, da poesia e, até mesmo, do teatro, para que seus ensaios não sejam melancólicos e sim reflexos da própria vida. Os ensaios são espelhos que instigam o observador a examiná-los. O papel do ensaísta é similar ao pintor, ao poeta e ao ator, uma vez que ele não somente repete os pensadores e sim enriquece com seus comentários, independentes de serem oriundos da alegria ou da tristeza. Esta imagem do espelho permite averiguar a realização e a descoberta do teor da amizade, porque o amigo se mantém vivo no escrito.

Passa-se do vivido ao escrito, ao passo que a palavra *textus*, texto, significa tecitura. Assim, requer no ato de tecer e de entrelaçar fios. Por isso, a função do ensaísta é similar ao tecelão, que realiza com remendos ou peças a colcha de retalhos. Ensaíar é *piece*, remendo ou peça, para que torne eterna a amizade virtuosa. O mundo literário dá asas à imaginação de Montaigne para que possa expressar as suas emoções e a sua maneira de viver, que compreende a experiência como o trabalho árduo de dar a visibilidade àquilo que se encontra ausente.

Montaigne não tem mais a presença física de seu amigo. Todavia, ele consegue ver os seus vestígios que abrem novas reflexões. Nota-se a passagem da experiência física da amizade para o universo literário. Assim como o espaço físico é infinito de coisas a serem conhecidas, o universo literário também é infinito de palavras que, por meio das inspirações, o ensaísta pode suspender o seu juízo e conceder vida física delas no papel.

Aliás, esse trabalho é igual ao do poeta, porque por inspirações, que podem ser denominadas na Estética de Klee e de Shieller como impulso lúdico ou intuição⁸, gera belíssimas poesias. Tanto o ensaiar como o poetar nesse ponto são semelhantes: ambos geram vida às palavras. Contudo, nesta criação não se esgotam o sentido delas, pois numa nova suspensão do julgamento, descobrem-se novos aspectos não perceptíveis anteriormente. Montaigne demonstra, com efeito, ser um filósofo artista.

O CORPO SOCIAL E POLÍTICO EM MONTAIGNE

Para Montaigne, a razão, em diversas vezes, apaga o vestígio da natureza. Todavia, é fundamental redescobri-la com o exemplo dos animais, visto que eles não possuem a corrupção e a versatilidade de opiniões tão marcante nas pessoas.

A razão que orientamos como desejamos, e anda sempre a inventar alguma novidade, não deixa que subsista em nós nenhum vestígio da natureza [...] Hoje, quem quiser redescobri-la [natureza] terá de apelar para o exemplo dos animais, nos quais ela permaneceu inacessível à corrupção e à versatilidade das opiniões⁹.

⁸ Esta interpretação da inspiração de Montaigne conduz ao seu texto *De l'ivrongnerie* Da embriaguez (II, 2), no qual ele fala: “Minha constituição faz que só tenha vontade de beber depois de comer, por isso mesmo é o gole final o mais copioso”. “[C] Ma constitution est de ne faire cas du boire que pour la suite du manger; et boy à cette cause le dernier coup quasi tousjours le plus grand” (MONTAIGNE; II, 2, 1962, p. 327 [1984, p. 164]). O vinho desobstrui e lava os poros, de forma a perceber o gosto do vinho no último gole. O degustar o vinho lembra a ideia da digestão no processo da educação (cf. I, 26). Parece que Montaigne busca suas inspirações da suspensão do julgamento nos poetas e nos guerreiros: “Nossa alma em condições normais não poderia erguer-se tão alto. É preciso que ela saia do seu estado habitual, que se eleve e, tomando o freio nos dentes, arraste o seu homem tão longe que, em voltando a si, ele próprio se espante do que fez”. “[A] Nostre ame ne sçauroit de son siege atteindre si haut. Il faut qu'elle le quite et s'esleve, et, pregnant le frein aux dents, qu'elle emporte et ravisse son home si loing, qu'après il s'estonne luy-mesme de son faict” (MONTAIGNE; II, 2, 1962, p. 329-330 [1984, p. 166]). O termo *il faut qu'elle le quite et s'esleve* sugere esta suspensão e, inclusive, uma *transfiguratio*, pelo fato de que, ao voltar em si, a alma, *il s'estonne luy-mesme*, ela adquire espanto com ela mesma. Se espantar é surpreender-se e transfigurar-se, pode-se expressar que Montaigne, em cada ato de escrita, surpreende-se com a riqueza do mundo e de si mesmo. Escrever é se deparar com a surpresa daquilo que será revelado na reflexão. Trata-se, assim, de um processo de criação semelhante à poesia, só que não na forma de versos e sim em glosas, nas quais se vê a alma do ensaísta.

⁹ “[B] et que cette raison qui si manie à nostre poste, trouvant tousjours quelque diversité et nouvelleté, ne laisse chez nous aucune trace apparente de la nature [...] et nos faut en chercher tesmoignage des bestes, non subject à faveur, corruption, ny à diversité d'opinions”. (MONTAIGNE; III, 12, 1962, p. 1026-1027 [1984, p. 471]).

Segundo Montaigne, a vida causa aborrecimento, ao passo que a morte provoca apavoramento. Em ambas, predomina-se a preocupação para prever e refletir sobre a morte, eis a atitude filosófica essencial.

Perturbamos a vida com a preocupação de morrer e a morte com a preocupação de viver; uma nos aborrece, outra nos apavora [...] Manda a filosofia que a tenhamos [morte] sempre diante dos olhos, prevendo-a e pensando-a antecipadamente¹⁰.

Montaigne comenta sobre a arte dos médicos no cuidado da saúde da pessoa. No entanto, é preciso, acima de tudo, aprender a viver para, posteriormente aprender com calma e serenidade a saber morrer.

Não achem de outro modo os médicos; encham-nos de doenças para pôr em prática sua arte e ministrar suas drogas. Se não soubermos viver, não adianta aprendermos a morrer, e se o soubermos com calma e serenidade, também saberemos morrer do mesmo modo¹¹.

A finalidade da vida, segundo Montaigne, é ela mesma: “O que a vida precisa ter em vista, o que ela deve propor-se é ela mesma; cumpre que se esforce por se estudar, se orientar, se suportar”¹². Ele argumenta também que, no processo de aprendizagem, é imprescindível a simplicidade natural: “Não carecemos de bons professores que nos ensinem a simplicidade natural”¹³. Ele decide pintar a sua vida enquanto ele a tem inteiramente: “Escolhi para pintar minha vida, a época em que a tenho inteira sob a vista”¹⁴.

Pode-se, conforme Montaigne chamar de feiura:

[...] à má impressão que sentimos diante de uma fisionomia que nos repugna por certos pormenores, uma tez ruim, uma mancha,

¹⁰ “[B] Nous troublons la vie par le soing de la mort, et la mort par le soing de la vie. [C] L’une nous ennuye, l’autre nous effraye [...] [B] La philosophie nous ordonne d’avoir la mort tousjours devant les yeux, de la prevoir et considerer avant le temps”. (MONTAIGNE; III, 12, 1962, p. 1028 [1984, p. 471-472]).

¹¹ “[B] Ainsi font les medecins qui nous jettent aux maladies, afin qu’ils ayent où employer leurs drogues et leur art. [C] Si nous n’avons sçeu vivre constamment et tranquillement, nous sçaurons mourir de mesme”. (MONTAIGNE; III, 12, 1962, p. 1028 [1984, p. 472]).

¹² “[C] Elle doit estre ele mesme à soy sa visée, son dessein; son droit estude est se regler, se conduire, se souffrir”. (MONTAIGNE; III, 12, 1962, p. 1028 [1984, p. 472]).

¹³ “[B] Nous n’aurons pas faute de bons regens, interpretes de la simplicité naturelle”. (MONTAIGNE; III, 12, 1962, p. 1029 [1984, p. 472]).

¹⁴ “[B] J’ay choisi le temps où m’avie, que j’ay à peindre, je l’ay toute devant moy”. (MONTAIGNE; III, 12, 1962, p. 1034 [1984, p. 474]).

uma expressão dura, às vezes algo que não percebemos bem e que no entanto assenta em membros perfeitos. A feiura que, em La Boétie, vestia uma bela alma era desse gênero [...] A outra feiura, que fora mais certo denominar deformidade, é mais efetiva e repercute amiúde em nós mesmos mais do que nos outros¹⁵.

O contexto político é o que permeia a noção de amizade em Montaigne e La Boétie. A vontade exerce livremente através da escolha, ao passo que nas amizades que impõem as leis e as obrigações naturais, a vontade não se exerce. Mas, em Montaigne, essa perspectiva apenas estimula ver a amizade com o autoconhecimento, meio pelo qual se atinge a liberdade e, em decorrência, consegue-se uma oposição à tirania. Já em La Boétie, a amizade é visualizada como expressão ou antídoto à tirania na medida em que tem a ver com justiça e igualdade. Acrescenta-se, inclusive, que o *telos* da amizade implica primeiro, amar o outro; segundo, estimá-lo; terceiro, reconhecer o que recebemos dele; quarto, diminuir-se para que ele se eleve na honra e na vantagem.

Nossa natureza é de tal modo feita que os deveres comuns da amizade levam uma boa parte do curso de nossa vida; é razoável amar a virtude, estimar os belos feitos, reconhecer o bem de onde recebemos, e muitas vezes diminuir nosso [bem-estar] para aumentar a honra e a vantagem daquele que se ama e que o merece¹⁶.

Esvaziar é um processo de ir contra à cultura livresca de simplesmente repetir os clássicos. Montaigne, pelo contrário, deseja atualizá-los¹⁷ para que eles tenham,

¹⁵ “[B] mesavenance au premier regard, qui loge principalement au visage, et souvent nous desgoute par bien legeres causes: du teint, d’une tache, d’une rude contenance, de quelque cause inexplicable sur des membres bien ordonnez et entiers. La laideur qui revestoit une ame très belle en La Boitie estoit de ce predicament [...] L’autre, qui d’un plus propre nom s’appelle difformité, est plus substantielle, porte plus volontiers coup jusques au dedans”. (MONTAIGNE; III, 12, 1962, p. 1035 [1984, p. 474]).

¹⁶ “Nostre nature est ainsi que les communs devoirs de l’amitié emportent une bonne partie du cours de nostre vie; il est raisonnable d’aimer la vertu, d’estimer les beaux faicts, de reconnoistre le bien d’ou l’on l’a receu, et diminuer souvent de nostre aise pour augmenter l’honneur et avantage de celui qu’on aime et qui le merite”. LA BOÉTIE, E. **Discurso da servidão voluntária**, p. 40.

¹⁷ Regosin realça o papel da erudição e da imaginação para o discurso da amizade ideal. Na *Part I The secular conversion*, mais especialmente no *1 Friendship and literature*, ele analisa os seguintes pontos: “The indelible literary stamp on both the letter and the essay suggests that the friendship described may derive more from books than from actual experience. The humanist may well have been performing a traditional literary exercise, coloring personal experience with erudition and imagination to discourse on ideal friendship”. REGOSIN, R. **The matter of my book Montaigne’s**. *Essays as the book of the self*. Berkeley, Los Angeles, Londres: University of California Press, 1977. p. 9; [...] “A fundamental characteristic of the perfect union of friendship is that it is most profoundly a prelinguistic or extralinguistic phenomenon”. REGOSIN, R. *The matter of my book Montaigne’s*, p. 28; [...] “The writer is occupied not only by the actual self-portrait but by how the self-portrait actualizes, not only by what the man is but by how the man becomes”. *Ibid.* p. 29. É indispensável sublinhar o comentário sobre o que o homem pode

realmente, vida em sua obra. Ele afirma, assim, o papel do exercício do julgamento como afirmação do homem, no esvaziamento de suas vaidades e na busca da virtude como passagem da alteridade à identidade. Dignificar o outro para esvaziar e ser preenchido pelo olhar dele que torna o “eu” livre da tirania, pois esta aprisiona e condiciona o homem a ser simples repetidor e não gerador de amizades e de novas ideias.

A morte de La Boétie desestrutura a pessoa de Montaigne, porque ele não se sente mais como dois e sim como meio, ou seja, parte dele não existe mais devido à lacuna e desestabilização que a morte lhe causa em seu interior. Com isso, segundo Tournon, Montaigne transmite em seus escritos indícios de sua própria consciência, de maneira que o espelho reflete um olhar¹⁸.

Nesse sentido, a amizade se difere do relacionamento familiar, no qual os laços são impregnados pela virtude do *híperoché*, isto é, superioridade, respeito, consideração e estima que constituem no relacionamento familiar. Disso decorre que Montaigne reflete sobre um tema familiar interessante: a palavra *frère* que significa “irmão”: “[A] É, em verdade, um belo nome e digno da maior afeição o nome de irmão; e por isso La Boétie e eu o empregamos quando nos tornamos amigos”¹⁹.

Além disso, o conceito “irmão” provém da palavra latina *frater*, fraternidade, que denota parentesco de irmãos e comunhão de mesmas ideias. Além do mais, expressa, acima de tudo, a ideia do amor ao próximo, da harmonia e, até mesmo, da concórdia, visto que o ensaísta usa a expressão *nostre alliance*, “nossa aliança”. A amizade fraternal se equivale à aliança, porque ela é íntima e inseparável. Montaigne e La Boétie formam um

tornar-se em cada vez que ele pinta o seu autorretrato. O intérprete usa a expressão *self-portrait actualizes* que pode ser entendida como atualização. No entanto, a atualização mexe com a própria vida de Montaigne, no intuito de reconhecer incansavelmente o seu autorretrato. De certo modo, as palavras tem vida em sua obra, uma vez que elas são carregadas de experiências físicas e literárias. É notório, nesse sentido, a utilização da retórica para eternizar a imagem do amigo e de si mesmo.

¹⁸ Segundo Tournon, “ne sont pas des informations sur le caractère de l’auteur, mais les indices de la conscience qu’il en prend. Le miroir ne fait pas surgir un simulacre. Il reflète un regard”. TOURNON, A. **Montaigne, la glose et l’essai**. Lyon: Preces Universitaires de Lyon, 1983. p. 268. Esta interpretação faz meditar no espelho como algo que interpela o olhar de quem o deseja ver profundamente e o impulsiona para ir além de si mesmo, posto que ocorre uma dupla transformação no caminho da alteridade à identidade. A união das vontades é tão estreita, de modo que ela se rompe com a morte do amigo. Com efeito, os ensaios são a referência para situá-lo no interior de sua obra.

¹⁹ “[A] C’est, à la vérité, un beau nom et plein de dilection que le nom de frère, et à cette cause en fismes nous, luy et moy, nostre alliance” (MONTAIGNE; I, 28, 1962, p.183 [2002, p. 276]).

ideal de amizade estreita e fraternal, posto que, apesar de não serem irmãos biológicos, eles são de ideias e de sentimentos²⁰.

Segundo Birchall, a amizade é diferente do relacionamento familiar, uma vez que ela é escolhida e fundada numa igualdade:

Em relação aos vínculos naturais, como os laços de paternidade e filiação, a amizade é superior, pois escolhida (e não determinada pela natureza), e fundada numa igualdade (ao contrário da hierarquia entre pai e filho, que impede a plena comunicação)²¹.

Conforme Montaigne, a amizade virtuosa²² colabora na descoberta de si mesmo, bem como do corpo social e político, porque a filosofia do “eu” abre novos horizontes a respeito da vida virtuosa cultivada nos valores essenciais à humanização: amizade virtuosa, prudência, discernimento e a busca da felicidade. Estes elementos possibilitam tecer no pensamento de Montaigne uma ética que leva em conta um novo sentido do humano, diferentemente dos humanistas de sua época. No seu ensaio sobre a Apologia a Raymond Sebond (II,12), ele discute acerca do comportamento dos animais e de suas habilidades. Quanto ao ser humano, ele deixa bem claro que é um ser no meio dos demais

²⁰ Para Magnien, Montaigne fala mais afetivamente de La Boétie depois de sua morte: “Montaigne was able to speak of La Boétie ‘more affectionately’ after his death than during his life”. MAGNIEN, M. Chapter 5 - La Boétie and Montaigne. Translated by Elisa Jones. In: DESAN, Ph. (Edited by). **The Oxford Handbook of Montaigne**. New York: Oxford University Press, 2016. p. 108. Este intérprete destaca ainda algo importante para refletir: o irmão íntimo e amigo inviolável. Veja mais: “The friendship of Montaigne and La Boétie is therefore the story of progressive detachment of Montaigne from an admired and loved figure, an individual for whom time and experience undoubtedly dimmed in the eyes of ‘the intimate brother and inviolable friend’, such that Montaigne will end after 1588 by challenging the deceased’s ‘place’ that his death, as he believes, had claimed for him in 1563”. MAGNIEN, M. Chapter 5 - La Boétie and Montaigne, p. 116. É verdadeiro que a experiência da amizade seja mais intensa após a morte de La Boétie. Mas, é fundamental acrescentar que a tristeza vivenciada pelo luto e acompanhada pelo retiro amadurece o pensamento do ensaísta, porque a dor leva a sentir saudade. Assim, ensaiar, por um lado, é usar a memória para fazer o exercício do julgamento a respeito da amizade. Por outro, é no sentimento da saudade que o coração procura algo para aliviar as suas dores. No caso de Montaigne, ensaiar será uma disposição similar à confissão.

²¹ BIRCHALL, T. *Montaigne e seus duplos: elementos para uma história da subjetividade*. 2000. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. p. 292.

²² Ullrich Langer, no seu verbete “amitié” (cf. p. 34-37), mostra vários exemplos de amizade entre os animais que Montaigne trata no seu ceticismo presente em II,12. “Le mot ‘amitié’ peut désigner au XVIIe siècle tout rapport de sympathie, de la simple association sociale ou politique à l’amitié la plus intime. Lorsque Montaigne se sert du terme ‘ami’ au pluriel, c’est souvent dans un sens plus ou moins faible, la véritable amitié n’existant qu’avec un seul être. Le sens très general d’amicitia comprend le rapport entre tous les êtres animés; en cherchant des exemples à l’appui de son scepticisme, Montaigne constate que les chiens sont capables d’amitié envers leurs maîtres, et que les chevaux éprouvent de l’amitié les uns envers les autres” (II,12.471). LANGER, U. Amitié. In: DESAN, Ph. **Dictionnaire de Michel de Montaigne**. Paris: Classiques Garnier, 2016. p. 35.

seres. Dessa maneira, ele pode observar a naturalidade dos animais, a fim de praticar no dia a dia, de modo a ter uma fisionomia humanizadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados analisados, nota-se que a reflexão acerca do conceito fisionomia em Montaigne é pertinente para compreender o contexto histórico de sua época, mais precisamente nos séculos XV e XVI na França. A visão de mundo adotada pelo ensaísta remete ao sentido de ver a vida situada na dinâmica da natureza para que a pessoa possa agir, antes de tudo, com a suspensão do juízo diante da diversidade de opiniões.

Montaigne é o filósofo da vida, pois a reflete a partir de suas principais experiências vividas e que são registradas nos ensaios num processo de despertar no leitor (a) a capacidade de filosofar. Ele segue, perfeitamente o gênero literário de ensaio no ensejo de dialogar a Literatura com a Filosofia numa tentativa de descrever a imagem de si mesmo como autorretrato, sem uma ordem definida e metódica, pelo contrário, ele prefere apresentar os seus pensamentos e sentimentos, conforme eles aparecem no processo de sua elaboração escrita.

Ademais, a filosofia montaigniana apresenta a subjetividade na capacidade de fazer o uso exaustivo das citações clássicas, bem como das breves glosas amparadas de profunda reflexão filosófica. A sua sensibilidade social proporciona no entendimento do corpo social e político pelo viés da virtude. Tal visão essencialmente humanista no sentido de exaltar o outro no processo da amizade virtuosa, ele herda de sua magnífica amizade com La Boétie.

A fisionomia de quem é virtuoso possui traços de acolhimento, pois deseja que o outro possa exercitar a sua razão no conhecimento de si mesmo e de suas habilidades a serem colocadas em disposição ao bem comum. Não obstante a respeitável posição de Montaigne e de La Boétie no que à dimensão ética e política, o posicionamento deles vem ao encontro de superar a tirania francesa que estampava a fisionomia repelente e a educação puramente livresca e fundamentada na verborragia, de modo que a pessoa simplesmente repetia a educação adquirida pela memorização e repetição. Montaigne, ao contrário, deseja que a pessoa dialogue com os livros e utilize a sua capacidade de refletir.

Enfim, o estudo de Montaigne muito colabora no momento crítico atual da pandemia do Coronavírus. Hoje, percebe-se a supervalorização do avanço tecnológico e econômico em detrimento da saúde pública, de maneira que a crise sanitária avança lentamente o processo de vacinação. Em contrapartida, o negacionismo científico cresce fortemente pela *fake news* no *whatsapp* e revela uma fisionomia egoísta arraigada numa visão social descartável e desumanizadora, visto que aqueles profissionais que são mais simples nos trabalhos essenciais são considerados invisíveis. Desse modo, valoriza-se o trabalho para se recuperar a economia e se esquece da dignidade humana. O pensamento de Montaigne vem a contribuir na necessidade da humanização.

REFERÊNCIAS

BIRCHAL, T. **Montaigne e seus duplos: elementos para uma história da subjetividade**. 2000. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

LA BOÉTIE, E. **Discurso da servidão voluntária**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

LANGER, U. Amitié. In: DESAN, Ph. **Dictionnaire de Michel de Montaigne**. Paris: Classiques Garnier, 2016. p. 34-37.

MAGNIEN, M. Chapter 5 - La Boétie and Montaigne. Translated by Elisa Jones. In: DESAN, Ph. (Edited by). **The Oxford Handbook of Montaigne**. New York: Oxford University Press, 2016. p. 97-116.

MONTAIGNE, M. **Essais**. Paris : Gallimard, 1962.

MONTAIGNE, M. **Os ensaios**. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Pensadores).

REGOSIN, R. **The matter of my book Montaigne's**. *Essais as the book of the self*. Berkeley, Los Angeles, Londres: University of California Press, 1977.

STAROBINSKI, J. **Montaigne em movimento**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

TOURNON, A. **Montaigne, la glose et l'essai**. Lyon: Preces Universitaires de Lyon, 1983.